

O TERRITÓRIO DO PRAZER – A GÊNESE DA PROSTITUIÇÃO EM FORTALEZA

Francisca Ilmar de Sousa¹

RESUMO

Neste ensaio, pretendo desenvolver uma discussão referente à origem da atividade prostituinte, em Fortaleza, dando surgimento aos prostíbulos ou à chamada “localização da prostituição” e assim compreender, atualmente, as mudanças ocorridas nesta atividade a partir de uma nova moral calcada nas reformas urbanas e sociais preconizadas à época. Afinal, elas, as prostitutas, também fizeram história, a sua própria história, e são tão históricas quanto qualquer outro segmento social, pois exercem uma função na sociedade, garantindo um espaço forjado neste imaginário social.

ABSTRACT

It is my intention to develop in this essay a discussion about the origins of prostitution in Fortaleza which gave rise to the brothels in the so-called “prostitution area”, and in this way highlight now the changes that occurred in this activity within the framework of a new morality as propounded at the time based on urban and social transformations. To be perfectly candid, they, the prostitutes, were also part of history, and their history has validity as the history of any other social segment, for they play a role in the society and in this way guarantee a place in the realm of the world of images.

INTRODUÇÃO

Tendo por objetivo desenvolver alguns argumentos com o sentido de “fazer” a história do surgimento da prostituição em Fortaleza, recorro ao auxílio de autores que podem contribuir no entendimento desse percurso. Para tanto, a referência histórica será baseada principalmente em ADLER, que trabalha com uma perspectiva histórica mais geral; ANJOS JÚNIOR, que dá prioridade à história da prostituição em Fortaleza; e PONTE, que estuda Fortaleza diante da aceitação do modelo francês no cotidiano “moleque do cearense”; utilizo também dados dos jornais cearenses *Gazeta de Notícias* e *O Nordeste*² e um depoimento, gravado, com um médico aposentado, sobre o surgimento da zona de meretrício na capital, mais especificamente no centro da cidade.

O “MAL NECESSÁRIO”

A expressão “mal necessário” implica uma série de conotações sociopolíticas e culturais, no que se refere ao problema da prostituição. Não se fala sobre prostituição sem explorar esse antigo chavão do “mal necessário”. No entanto, é importante discutir acerca disso, para que se possa entender a tese da existência dos prostíbulos, no sentido de proteção e preservação das famílias da sociedade. O que se presencia, apesar disso, é a prostituição sendo considerada, ainda hoje, como anomalia e sujeira.

Entretanto, mediante a repressão e a classificação da atividade como crime, as saídas que o Estado

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.

² Os dados dos jornais *O Nordeste* e *Gazeta de Notícias* foram gentilmente cedidos pelo amigo e professor Francisco Carlos Jacinto Barbosa, Mestre em Sociologia pela UFC.

encontrou para resolver o problema do “mal necessário” foram, pelo menos aparentemente, a não punição, mas a garantia de sua existência e os meios para coibi-la. Melhor dizendo, uma repressão aparente como forma de dar uma satisfação social aos grupos regeneradores da ordem social.

CASTRO, mencionando HUNGRIA, aponta outra saída encontrada pelo Direito para a resolução do problema da prostituição: a mimetização.

É um redondo engano supor-se que se resolve o problema com o arrasamento dos alcoices da prostituição e ofício, a solução única, ao menos nos países afeitos ao tradicional código de moral semita-cristão, é limitá-la a um minimum de amplitude e escândalo (1993:185).

Tendo como ponto de vista o Direito, CASTRO percebe no discurso de Hélio Gomes a defesa de que as autoridades deveriam *esforçar-se para que a prostituição se MIMETIZASSE, isto é, se disfarçasse, não ofendesse, nem de leve, ao decoro público e aos bons costumes (1993:185)*. Pois, prossegue CASTRO:

Em verdade, a mimetização da prostituição consegue, de forma enganosa, resolver a questão do “mal necessário”: a prostituição está presente, realiza seu papel social; mas, ao mesmo tempo, uma vez que disfarçada, não ofende o decoro nem macula a moral da sociedade. A prostituição, assim, é e está, ao mesmo tempo incluída e excluída no corpo social, posto que presente, mas oculta (1993:185).

Sendo a prostituição um “mal necessário”, diz ADLER, *as prostitutas tornam-se, portanto, operárias especializadas, aliviadoras profissionais, lixeiras do amor (1991:13)*. Ou, como se diz atualmente, profissionais do sexo e garotas de programa.

Nomeação à parte, muita coisa mudou na atividade prostituinte, desde a localização das prostitutas, às vestimentas, à multiplicidade de práticas e serviços sexuais ofertados, enfim, as mudanças e adaptações necessárias para continuar com a fama de ser a “profissão mais antiga do mundo”. RAGO confirma essa fama, referindo-se também à cristalização de conceitos e aos estigmas próprios da prostituição:

Universo povoado por muitos este-reótipos e clichés, tudo aí é muito antigo e já conhecido, pois acredita-se no senso comum, e não apenas nele, que a prostituição é a “profissão mais antiga do mundo”: reatualizações intemporais. Os lugares estão bem demarcados, as explicações prontas e as imagens projetadas sobre os personagens - prostitutas seminuas e infelizes, caftens desalmados, caftinas gordas e endurecidas pelo tempo, fregueses devassos - parecem ter aderido aos corpos e se cristalizado (1991:19).

No entanto, o que se percebe é que há uma certa dinamicidade e organização da prostituição de forma que ela possa existir enquanto atividade. *Em algumas cidades européias, as próprias autoridades “morais e políticas” abriam os bordéis, organizavam suas instalações, decidiam sua implantação geográfica, etc (USSEL apud LINS, 1994:17)*. Esta era a forma como se garantiria, pensava-se à época, a saúde pública: *cada um satisfazendo suas necessidades sexuais, a fim de não pôr em perigo sua saúde (1994:17)*.

Percebe-se, também, pelos diálogos de Erasmo, que os padres eram clientes freqüentes das prostitutas, assim como os monges e padres mendigos que deixavam todas as suas esmolas com elas (JACQUARD, 1978:58). Também as crianças viviam a cultura dos bordéis uma vez que *elas não precisavam de informações, pois podiam ver, sentir e aprender junto aos adultos o que elas desejavam saber (USSEL apud LINS, 1994:18)*.

Em outro colóquio de Erasmo, no livro *O jovem e a prostituta*, o jovem nomeia Lucrecia (prostituta) de *mea mentula* (meu pênis), numa clara alusão à convivência com prostitutas, reforçando a necessidade da existência dos bordéis como um “mal necessário” (LINS, 1997).

É nesse sentido que São Tomás de Aquino organiza um bordel juntamente com os monges de Perpignan, na França. Conforme LINS, São Tomás de Aquino julga as prostitutas necessárias, numa declaração onde o santo homem deixa emergir sua misoginia radical numa apreciação puramente utilitária do corpo da mulher (1997, 17):

As prostitutas são na cidade o que uma cloaca é no Palácio. Suprimam essa cloaca e o Palácio tornar-se-á um lugar fétido (JACQUARD apud LINS, 1788:18).

A necessidade de existência da prostituta tem sido relevada em vários momentos da história da prostituição. RAGO, a esse respeito, levanta questões interessantes que corroboram essa necessidade, ao afirmar que a prostituição, por ser um

... espaço fluido de práticas sociais e sexuais, centrou-se muito mais na construção de uma fantasma, que nos perseguia a nós, mulheres, por muitas décadas, do que sobre o espaço geográfico da zona do meretrício e sobre as meretrizes empiricamente consideradas. A escassez de estatísticas sobre o número de bordéis, casas de tolerância, pensões de "artistas" rendez-vous, ou de prostitutas, caftens, caftinas, gigolôs e fregueses é eloqüente (1991:20).

Esse raciocínio leva a questionar sobre a importância da prostituta para a sociedade, principalmente quando pensadas para exercer a função de mantenedora da ordem social, regulando a "desordem das paixões".

Mas todos os fins, todas as utilidades, são apenas sinais de que uma vontade de potência se tornou senhora de algo menos poderoso e, a partir de si, imprimiu-lhe o sentido de uma função; e a história inteira de uma "coisa", de um órgão, de um uso, pode ser, dessa forma, uma continuada série de signos de sempre novas interpretações e ajustamentos, cujas causas mesmas não precisam estar em conexão entre si, mas, antes, em certas circunstâncias, se seguem e se revezam de um modo inteiramente contingente (NIETZSCHE, 1983:308).

Ao pensar, dicotomicamente, a mulher como "rainha do lar" ou "mulher da vida", os primeiros homens cultos percorreram esse caminho conceitual para se referirem à condição feminina. Ou seja, a criação de um discurso em que se deveria distinguir, separar e proteger o "profano do sagrado", ou a prostituta da esposa, estigmatizou formas de comportamentos considerados desviantes, favorecendo um outro que superestimava a família nuclear.

É nesse sentido histórico e social que busco privilegiar o entendimento das zonas de prostituição "localizadas", em Fortaleza, a partir de uma com-

preensão mais geral que, de uma forma ou de outra, acaba por se refletir no "habitus" de uma sociedade que pretendeu dar os primeiros passos rumo ao progresso e à modernidade.

ADLER (1991) procurou mostrar as modificações pelas quais passou a prostituição, na França, demarcando como espaço de tempo o período de 1830 a 1930, no qual são percebidos o esplendor e a decadência da casa de prostituição.

Nesse estudo, a autora trabalhou com discursos de médicos, higienistas e moralistas da época, que se preocupavam em delimitar não só geograficamente, como também sob os prismas social, político e cultural, a distinção entre dois mundos que vivenciavam a sexualidade de maneiras distintas.

Essa segregação física surgiu, em períodos históricos diferenciados, como forma de criar barreiras e delimitar os espaços de tramitação e exercício da prostituição:

Evidentemente, é difícil recortar em períodos bem precisos um estudo acerca da história das mentalidades, por definição difusa, e cujas raízes, sejam políticas, jurídicas, sejam psicológicas e imaginárias, estendem-se tão profundamente. Não se repete mais como se fosse uma queixa: a prostituição é a mais antiga profissão do mundo, mas isso não quer dizer que não haja uma história! (ADLER 1991:15).

Anteriormente aos anos de 1830 não havia uma função, propriamente dita, para o bordel. Local de libertinagem, de encontro, também era utilizado como ponto de troca de vinho, de alimentos e de sexo. Posteriormente, essa função de troca de todo e qualquer tipo de produto e prazer vai-se ampliar. Depois desse momento de glória, a prostituição perderá, a partir dos anos de 1880, o atrativo, a sua carga erótica e afetiva e o seu mistério, conforme diz ADLER:

A Primeira Guerra fará o bordel sair de sua letargia que marcou esse período, mas os anos 30 marcarão sua morte quase definitiva por exigência da lei de 13 de abril de 1945, a denominada Lei Marthe-Richard, que o desmantela juridicamente, sem provocar, apesar dos clichês repetitivos sobre a afluência no dia do "fechamento", grandes comoções (1991:15).

A partir de 1870, ADLER observou que o fenômeno da mulher manteúda diminuiu consideravelmente, destacando-se as

Mudanças de costumes, transformação do capitalismo. As fortunas dos construtores podiam ser consideráveis, mas os homens da sociedade hesitam em se deixar arruinar por uma cocote que precisava de um padrão de vida cada vez mais suntuoso [...] Exige-se que elas sejam mais discretas, menos insolentes e que não usurpem o papel da burguesia (ADLER, 1991:40).

Durante todo o século XIX e até os anos de 1920, surgiu um exército de moralistas que perseguiu a prostituição, escrevendo longos tratados, conquistando a opinião do público, fazendo enquetes e apelando para as “famílias de bem” e para a polícia no sentido de intervir em uma campanha para que o mal da prostituição não mais crescesse.

A idéia era de reprimi-las e de aprisioná-las. Como erradicar esse mal tão difundido? Sendo a prostituição um mal necessário - infelizmente não se reconstrói o mundo com palavras bonitas, admitem eles com amargura - resta a solução do confinamento. As burguesas em casa, as prostitutas no bordel. As duas formas de venalidade do amor vão coexistir por um século (1991, 43).

No entanto, as prostitutas, prossegue ADLER,

[...] não se deixam aprisionar em categorias e, apesar da obstinação obsessiva dos ideólogos que tentam fixá-las, custe o que custar, em determinados lugares - bordéis, casas de rendez-vous, cervejarias, cafés, casas de cômodos - e em determinados status - moças cadastradas, moças numeradas, moças insubmissas -, elas percorrem em todos os sentidos e de maneira desorganizada, a seu bel-prazer, os diferentes estágios da estranha carreira (ADLER, 1991:12).

RAGO também estudou o mundo da prostituição e as funções que ela preencheu, tais como a forma de sociabilidade, evidenciando, ao mesmo tempo, a

violência constitutiva dessas relações. Nesse contexto, enfatiza:

... a comercialização sexual do corpo feminino se caracterizará como prostituição, segundo conceito elaborado no século XIX, saturado de referências médico-policiais, e a figura da prostituta poderá ser estrategicamente redefinida, aparecendo como parâmetro de limite para o comportamento feminino no espaço urbano. Ora, em geral é em referência à entrada da mulher no âmbito da vida pública que a prostituição vai sendo tematizada (1991, 54).

A PROSTITUIÇÃO EM FORTALEZA

Não muito diferentemente do que ocorreu em outras cidades estrangeiras, a onda de moralização e higienização, em Fortaleza, baseou-se nas mudanças de costumes através das reformas urbanas e sociais, tornando-se necessária e imperante a localização do meretrício como forma de separar duas morais que não poderiam prescindir uma da outra: a moral da casa e a moral do prostíbulo.

Os nossos ilustrados collegas do 'O Ceará' merecem applausos pelo modo enérgico porque se insurgiram contra um dos mais perniciosos males existentes em nossa capital.

[...] Certo que não é fácil localizar-se o meretrício. Nem será, sem dúvida, uma medida que se ponha em execução, de afogadilho, apressadamente.

Impossível também não o é, está claro, pois, que, com boa vontade e persistencia, as autoridades competentes, poderiam solucionar, pelo menos, o caso, que se nos afigura assaz grave (O NORDESTE, 13/06/1925).

Considerada pela sociedade cearense como um segmento transgressor da moral e dos bons costumes e, principalmente, transmissora de doenças sexuais, a prostituição foi alvo de uma discreta, mas insistente campanha, exigindo dos poderes públicos providências

no sentido de erradicar o “mal que se alastrava”, principalmente em razão do contínuo crescimento da migração da população do campo para a capital em decorrência das secas e da falta de uma política de fixação do homem do campo.

Entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX a capital cearense é remodelada na intenção de afastar e esconder a miséria da sua sociedade. Trata-se, afinal, de uma onda reformadora que atinge várias capitais brasileiras, representando, antes de tudo, uma busca de sintonia com a civilização e o progresso.

A ocupação de Jacarecanga e, em menor escala, da Praia de Iracema pelas elites, a partir da década de 20, configura o surgimento dos primeiros bairros elegantes da Capital, delineando com maior visibilidade os novos espaços burgueses e reforçando a segregação sócio-espacial entre ricos e pobres na Cidade. Segregação essa mal encoberta pelas asas da filantropia e do assistencialismo, nas quais a Igreja e as famílias de intelectuais católicos tinham grande participação (PONTE, 1993:62).

É nesse período que surgem as várias instituições beneficentes conjuntamente trabalhadas pela polícia, Igreja católica e “pessoas de bem”, representadas pelas famílias fortalezenses. Como afirma PONTE:

Com efeito, [...] não eram poucas as instituições de assistência à pobreza na Capital. A articulação delas com a polícia (mediante acordos para a erradicação da mendicância) e com a promoção de palestras, conferências e campanhas filantrópicas, demonstra a existência de um dispositivo institucional apontado para o reajustamento disciplinar da massa de despossuídos em Fortaleza (1993, 163).

Preocupadas com a moralidade pública, as campanhas de combate à prostituição desenvolvem-se com o objetivo de defender a decência pública através, principalmente, da denúncia de locais de prostituição e da exigência de uma tomada de decisão dos poderes públicos contra a presença das meretrizes próxima às famílias nas ruas e praças.

Os moradores da praça Senador Castro Carreira e as pessoas que por ali transi-

tam, observam com espanto e nojo as cenas de imoralidade de que é teatro a porta da casa de um tal de Bentivi, hospedeiro de meretrizes (JORNAL DO CEARÁ, 1911).

As mulheres da vida airada (Gazeta de Notícias, 1927) continuaram por muito tempo ainda sendo motivo de notícias estampadas, onde se denunciavam, além dos escândalos provocados pela bebedeira, a intranquilidade que causavam nos locais consagrados ao rendez-vous. Um desses pontos de encontro localizava-se na Praça do Ferreira, outros em pensões, denominadas, à época, “pensões galantes”, situadas nas vizinhanças da antiga Assembléia Provincial, do Palácio do Governo e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, na Praça General Tibúrcio, mais conhecida por Praça dos Leões.

Nesse período de organização e disciplinamento dos espaços, higienização e clausura do “lixo social”, surgem as instituições beneficentes de moralização social. PONTE (1993) listou-as:

- *para pobres e mendigos: Dispensa dos Pobres (1885), o antigo Asilo de Mendicidade (1886) e o novo, patrocinado pela maçonaria (1905);*
- *para menores abandonados: Patrocínio dos Menores Pobres (1903); Escolas para Menores Pobres (1908), Dispensário Infantil (1914);*
- *para menores abandonados/mendigos: Estação Experimental de Santo Antônio (1928);*
- *para moças desvalidas: Patronato de Maria Auxiliadora para Moças Pobres (1922) e Asilo Bom Pastor (1928), destinado à conversão de mulheres arrependidas;*
- *para os presos: Campo Penal Agrícola de Canafistula (1925).*

No entanto, o que se percebe com esta mobilização é a necessidade da clausura dos indivíduos por categoria, o que facilitaria a vigilância e “limparia” a cidade da presença incômoda dos que não se adequaram ao estilo de vida nas grandes sociedades. A respeito desse enclausuramento de indivíduos, FOUCAULT descreveu a importância de se impor o confinamento por grupos, pois é importante determinar

cada indivíduo no seu lugar, e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações

coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quantos corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, mediar as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar (1987:131).

Por ser o centro de Fortaleza, a essa época, bairro prestigiado pela moradia das “famílias respeitáveis” e de recursos, transformou-se, portanto, em “palco para sua sociabilidade elegante”. O modelo empregado em Fortaleza parece confirmar a tendência observada por FOUCAULT, na França, quando registrou a necessidade da *clausura*, principalmente dos que não se adequavam às novas exigências sociais; porém, chama atenção para o fato de que esta não é constante, nem indispensável, nem suficiente nos aparelhos disciplinares como forma de organização de um espaço analítico. E, em primeiro lugar, segundo o princípio da localização imediata e/ou do quadriculamento (1987).

Os aparelhos disciplinares, portanto afirma ele, trabalham o espaço de maneira muito mais flexível e mais fina. São estas formas de atuação, aparentemente invisíveis e não-ditas, que pretendo compreender nesse ensaio.

Para viabilizar, pois, o sonho de modernização da capital cearense foi imprescindível reestruturar as organizações que levariam adiante essa empreitada para melhor vigiar e regenerar. Nesse sentido, PONTE diz que

O movimento da multidão na Capital também se adensou (a população em 30 atinge os 100 mil habitantes) e na sua maior parte era formada pelos que a ordem capitalista civilizadora procurava disciplinar e que ao mesmo tempo pro-

duzia: os operários e demais categorias de trabalhadores com suas greves, associações e partidos políticos, e os trabalhadores em disponibilidade, os mendigos, menores abandonados, prostitutas e todos os pobres com suas aparências e comportamentos tidos como selvagens, nocivos e constrangedores (1993:62).

Daí a necessidade de afastar os pobres, marginais e prostitutas que os “ameaçavam”, constantemente, com sua presença física impondo uma moral que invertia as normas e regras sociais, ou seja, por ser a rua, geograficamente, um espaço que substituíra o do lar (muitas vezes por não tê-lo), esses segmentos sociais perseguidos pela nova moral de higienização, tanto do público quanto do privado, transformam-se em escândalos diários dos matutinos.

Não se justifica absolutamente que a polícia permaneça de braços cruzados, enquanto as famílias honestas vivem a sofrer vexames e humilhações, em revoltantes atentados ao seu pudor, ao seu recato, aos seus sagrados sentimentos de dignidade. É abjecto, é torpe, é ignóbil essa promiscuidade sórdida de mulheres de vida fácil com elementos de outra categoria social, habituados nas mesmas ruas e, muitas vezes, em casas vizinhas. Não há o menor respeito à santidade do lar alheio” (Gazeta de Notícias, 30/01/1929).

No caso específico de Fortaleza, os principais agentes que investiram na remodelação da cidade foram os grupos sociais ligados ao comércio crescente de importação e exportação, os profissionais liberais representados por médicos, bacharéis, engenheiros e outros doutores provenientes das academias de ensino superior que existiam, à época, no Brasil (PONTE).

Foi nesse sentido que a sociedade cearense reivindicou dos poderes públicos o combate à “desordem”, iniciado, segundo PONTE (1993: 167-168), através da vontade moralizadora do chefe de polícia da época, que providenciou:

- o fechamento de um cassino luxuoso, clandestino, recém-inaugurado no Majestic Palace (1917);

- a vigilância permanente nos principais cinemas da cidade, que exibiam filmes de efeitos sobremaneira prejudiciais a uma sociedade civilizada (1907);

- o combate ao álcool, que despertava as paixões e incitava a violência, merecendo campanhas de proibição (1907), estudos (1918) e uma *Semana Anti-alcoólica* (1929);

- a classificação e separação do crescente contingente de pobres, trabalhadores não-ativos, menores abandonados e prostitutas, para saber quem eram os verdadeiros mendigos e vadios (1918);

- o processo regenerativo aos presos através de oficinas, aulas de catequese (1891);

- a radicalização da vigilância policial sobre os menores pobres, que aumentaram consideravelmente após 1915, ensejando a construção da Estação Experimental Santo Antônio (1928);

- a vigilância e repressão, enfim, das meretrizes, o que exigia medidas urgentes no combate à disseminação de doenças sexuais, principalmente da sífilis.

Para a polícia, redobrava o trabalho de fiscalização e repressão mediante tantas denúncias e solicitações de providências. Segundo PONTE (1993, 174), essas “*desordens*” ocorriam principalmente em bairros suburbanos como Alto Alegre, Moura Brasil e Barro Vermelho. Esses bairros, aliás, eram considerados os mais perigosos na análise policial. No entanto, o policiamento era feito somente nos finais de semana, quando a desordem era maior, além do contingente policial ser insuficiente. Ademais, por ser a área urbana considerada prioritária, a força policial concentrava-se praticamente no centro da cidade.

Tendo como referência FOUCAULT, LINS observa que:

O Poder tem necessidade de encontrar um lugar de exílio para as “sexualidades ilegítimas”, as sexualidades não reprodutivas, não familiares. É preciso, pois, confinar o prazer e os fantasmas da prostituição - esse “mal necessário”, que sustenta muitos casamentos e relações impossíveis - “lá onde se pode reinscrevê-los, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos circuitos do lucro. FOUCAULT propõe, de fato, uma excelente definição do prostíbulo no qual o Poder recupera as pulsões que não podem ser controladas, a fim de que na vida social a eficácia seja total. Através da domesticação das

aparências, organiza-se assim a sexualidade “descontrolada” (Jornal O Povo, 02/1996).

Exílio para o corpo prostituído - o prostíbulo é lugar de prazer, espaço sadiano ou encontro marcado com outra linguagem, outros sorrisos, outros silêncios, algo que não seja nem a esposa nem a “sagrada família”. O prostíbulo é também um espaço de controle político, societal, segundo LINS (Jornal O Povo, 02/1996).

Foi nesse sentido que a localização do meretrício, em ruas determinadas da cidade, foi sugerida, então, em 1918. No entanto, em 1925 ainda não se havia concretizado a missão de fixar a prostituição, para salvaguardar a moral das “famílias de respeito”, conforme ficou registrado no desabafo do chefe de Polícia da época:

Infelizmente ainda não foi possível realizar o grande serviço do meretrício em ruas determinadas desta capital, medida sem solução até hoje na própria Capital da República e que porá as famílias em particular, e o público em geral, a salvo dos escândalos dessas infelizes (1993:190).

A presença constante de prostitutas no mesmo espaço social das famílias fortalezenses de bem fez com que a Igreja Católica, através do jornal de sua propriedade denominado *O Nordeste*, também se manifestasse a favor de sua “localização”. No entanto, outros jornais, cujos proprietários comungavam com a idéia de higienização da cidade, resolveram aderir à campanha noticiando e exigindo dos poderes públicos o afastamento e a clausura das pessoas tidas como desordeiras e marginais, principalmente as prostitutas. É o que se percebe nas cartas dirigidas a esses jornais:

Fortaleza, esta famosa e encantadora cidade, está a merecer certas providências dos poderes públicos, providências estas reclamadas pelo seu progresso e seus magníficos surtos de civilização.

[...] Essa providência é a localização do meretrício. Eu não posso compreender a atitude de inércia, de indiferentismo da polícia ante o espetáculo deprimente da prostituição em Fortaleza. Esse indiferentismo assume as proporções de um verdadeiro crime, de uma insensibilidade moral digna das maiores censuras (Gazeta de Notícias, 30/01/1929).

Ou ainda,

Veremos, ao contrário da Inglaterra, em que os costumes dispensam as leis, num paiz de superabundância legiferante. Sobretudo se tem legislação, tudo se regulamenta.

No Ceará há u'a lei mandando adoptar a lei de fallências, a de demarcação e divisão de terras, a de notas promissórias; tem regulamentos que se cumprem pela superabundância de regulamentações, mas se há deixado de regulamentar uma das cousas mais importantes em nossa vida social, que diz respeito não só à moralidade, como à saúde pública: - o meretrício!

[...] O que se presencia todas as noites em Fortaleza é o verdadeiro enxame de horizontaes, de alto e baixo cothurno, invadindo as nossas ruas e as nossas praças, ao lado das senhoras mais respeitáveis e de senhorinhas de maior destaque e mais finamente educadas de nossa sociedade" (Gazeta de Notícias, 03/09/1927).

Algumas tentativas foram feitas no sentido de "limpar" o centro da cidade da presença inoportuna das *horizontaes*.

O quarteirão da rua dr. João Moreira, comprehendido entre as ruas General Sampaio e Senador Pompeu, está sendo novamente invadido pelas meretrizes.

Quando da gestão do dr. Virgilio Gomes, actual juiz da 2ª. Vara, na delegacia de policia houve como que um saneamento do referido quarteirão.

Como estejam ellas, novamente, voltando a ali residirem e com visível desrespeito ao público pedimos ao actual delegado que tem jurisdição naquelle trecho, as providências que se fazem necessárias para o devido respeito público (Gazeta de Notícias, 29/05/1929).

Mas somente na gestão de Menezes Pimentel, em 1934, foi que ocorreu a transferência de prostitutas

para o Arraial Moura Brasil, nomeado popularmente por "Curral das Éguas" ou "Curral das Cinzas" (NOGUEIRA, 05/1996)³.

Mediante pressão e exigência das "famílias de bem" da sociedade cearense que reivindicavam a segregação das "mulheres de vida fácil" do convívio social das ruas centrais de Fortaleza, Menezes Pimentel providenciou a remoção das prostitutas para um bairro periférico que se localizava próximo ao Passeio Público, por detrás da Estação Ferroviária João Felipe. A proximidade com a Estação originou o nome de "Curral das Cinzas", pois as cinzas da lenha provenientes da combustão da madeira utilizada nos trens eram descarregadas e jogadas nos fundos da Estação Ferroviária (NOGUEIRA, 05/1996):

Localizadas no Arraial Moura Brasil, essas casas foram alugadas mediante solicitação obsequiosa do Governador Menezes Pimentel ao seu proprietário, pois esse estaria fazendo uma grande caridade à sociedade cearense e às "mulheres de vida airada" (Médico, 05/1996).

NOGUEIRA (1996) fala também de uma certa irreverência popular do cearense, que costumava fazer brincadeiras de todas as situações do cotidiano. Foi assim que surgiram siglas, criadas para identificar, discretamente, determinados locais de "frequência suspeita" ou outros casos. Como exemplo, cita a sigla "CDE" que se referia ao "Curral das Éguas", assim denominado por, finalmente, haverem conseguido encurrular as mulheres prostitutas (éguas, que são "montadas" para fins sexuais) em um espaço físico, fixo e exclusivamente para elas. Dessa forma, o cearense poderia referir-se a esses locais, diante de quaisquer pessoas, mas somente seria compreendido por quem já conhecesse o real sentido da sigla.

Essa irreverência popular levou à criação do epíteto "Ceará Moleque".

A compulsão popular pelo deboche e a sátira, ao que parece, não foi uma questão irrelevante em Fortaleza. Caso contrário, não haveria tantas referências a uma incorrigível "molecagem" pública presente na Cidade durante as 3 primeiras décadas do século XX. [...]

O lugar urbano onde tal propensão popular ao deboche se exercia com

³ Médico aposentado que vivenciou o período em questão.

maior intensidade, por ser o "coração da cidade", era a Praça do Ferreira, a "sede social do Ceará Moleque" (PONTE, 1993:175).

No entanto, a transferência das prostitutas para o Arraial Moura Brasil foi apenas das que faziam "comércio" na Rua das Flores - atual Castro e Silva -, por serem as que exerciam o baixo meretrício. As que atuavam nas "pensões galantes", ou seja, que atendiam a uma clientela de nível social mais elevado, permaneceram incólumes, até porque essas não faziam "trottoir", não se expunham nas ruas para convidar os homens. Os homens pertencentes às "famílias de respeito" da sociedade cearense, que conheciam essas pensões, é que as freqüentavam, protegidos e garantidos pela organização disciplinar da polícia e do governo que havia transferido as "mulheres marginais" do convívio familiar e societal da nascente burguesia.

FOUCAULT, reportando-se ao assunto, diz que:

Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. Porém, forçada a algumas concessões. Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar. [...] as palavras, os gestos estão autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto. Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas das formas do real, mas bem insularizadas, e a tipos de discursos clandestinos, circunscritos, codificados. Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo (1988:10).

As "pensões galantes" localizavam-se em vários bairros da cidade: na Praça do Ferreira esquina com Pedro Borges; na Barão do Rio Branco; na Travessa Crato; na Senador Pompeu... Essas "pensões galantes" eram uma espécie de "nighth club", ou seja, um clube noturno, para homens, onde havia música, dança e o comércio do sexo. Posteriormente, essas casas transferiram-se para bairros mais distantes como forma de dar continuidade à atividade da prostituição em áreas mais discretas, por se localizarem fora do centro de Fortaleza, que, na época, era basicamente a zona residencial das "famílias de bem" dos muitos freqüentadores de "pensões galantes". Alguns

dos bairros mais visados para essa atividade foram Porangaba, Carlito Pamplona e Pici.

Por ter presenciado a moral daquela época, NOGUEIRA, como médico que fazia visitas ao Arraial Moura Brasil, ao ser solicitado para as chamadas ocorrências médicas, afirma que geralmente era para atender homens/clientes de prostitutas que, ao se embriagarem, perdiam o senso e metiam-se em confusões. Diz ainda que nunca foi solicitado para fazer atendimento a alguma prostituta. Falando sobre a moral desse período, recorda que:

Havia uma separação total entre as famílias e esse tipo de vida. Não eram aceitos de modo algum, tanto que consta que a saída da Rua das Flores foi por imposição das famílias, né? Porque, infelizmente, hoje em dia, quando se fala em família tem até uma conotação assim preconceituosa e errada porque é como se a família se considerasse melhor. Era uma questão de medo, de contágio, porque o sexo naquela época era um tabu terrível (Médico, 02/05/1996).

Referindo-se ao seu tempo de menino, NOGUEIRA, proveniente de uma das "famílias de bem" dessa época, afirma nunca ter presenciado escândalos ou comportamentos das prostitutas que atentassem contra o pudor da sociedade. Afirma mesmo que as prostitutas sabiam que a sua permanência entre os "de bem" dependia muito do seu comportamento e discricção. No entanto, diz também que, por ser ainda um menino, não possuía autorização para sair à noite, horário esse em que ocorria a maior parte de atos que eram denunciados como de atentado ao pudor.

É o que se observa nessa carta endereçada ao *Gazeta de Notícias*:

Ilmo. Sr. Redactor da Gazeta - li ontem a local da Gazeta intitulada 'o jogo de azar campeia!' e tomo a liberdade de vir comunicar-lhe outro foco, não de jogo, mas de meretrício escandaloso, a que também se refere o alludido local.

No Palacete (Brasil) hospedam-se uns certos viajantes, que atraem, à noite, um bando ruidoso de horizontaes a quem lhes dão excessiva liberdade.

Ellas chegam à calçada e gritam chamando os parceiros que respondem aos

berros com amabilidades de bordel. Todas as noites fazem uma algazarra de todos os diabos e soltam palavrões de arrepiar um calvo (16/03/1928).

Assim, NOGUEIRA presenciou a convivência de prostitutas no mesmo espaço social que as “pessoas de bem” da sociedade cearense, e acompanhou, com pouco interesse, a transferência de parte delas para o “Curral das Cinzas”. Também testemunhou outro remanejamento: do Arraial Moura Brasil para o bairro do Mucuripe, não mais por incomodar essas “famílias de bem”, mas por motivos de especulação imobiliária, já que o Arraial ficava na conhecida Praia Formosa. O Mucuripe, à época, era um dos bairros considerados periféricos, dada a distância do centro da cidade e por ser um local que ainda não dispunha de infra-estrutura (água, energia, calçamentos...).

O Cais do Porto, a antiga ponte de desembarque, que tem um nomezinho, revivida agora pelo prefeito? A Ponte Metálica! A chamada Ponte Metálica. Eu acredito que havia por ali, aquilo era uma zona fechada, atrás da Alfândega, ninguém tinha conhecimento, aquele pedrão da Alfândega, por trás tinham verdadeiras favelas, e a gente não chegava, não tinha acesso. Eu mesmo, como médico da Saúde Municipal, nunca fui por ali. Eu fui algumas vezes lá no “Curral das Éguas”, porque esse “Curral das Éguas” ele se acabou quando houve o assoreamento da praia que a gente chamava Praia do Náutico, mas tinha outro nome. Praia Formosa. E com isso, as águas subiram muito e aquelas casas que estavam mais embaixo elas foram invadidas (Médico, 02/05/1996).

ANJOS JÚNIOR (1983:23-24) recupera um pouco da história da transferência das meretrizes da Praia Formosa para o desértico e longínquo Mucuripe. Mais conhecido por Farol do Mucuripe, setor portuário de Fortaleza, somente recebeu a instalação da rede elétrica em 1961. Esse fato se deve à transferência das prostitutas que impuseram como condição, ao prefeito de então, general Cordeiro Neto, a instalação de luz elétrica para que elas para lá se transferissem. Além disso, exigiram também que a Prefeitura arcasse com os custos da mudança. Por sinal, até o ano de 1983, conforme o autor,

a instalação da luz elétrica havia sido o único benefício implantado na área. Outros investimentos foram providenciados, por particulares, para aplicar, também, na atividade da prostituição.

O Mucuripe representou para as prostitutas, posteriormente, nova opção de maiores ganhos, pois o Porto recebia vários estrangeiros, que estavam de passagem por Fortaleza, ávidos por diversão e sexo. As prostitutas davam preferência, inclusive, aos que vinham de fora, pois além de pagarem melhor que os da “terra”, tratavam-nas com maior atenção e respeito.

Atualmente, se percebe que, em breve, haverá nova transferência das prostitutas, pois do Cais do Porto existe um projeto de expansão da área com sua conseqüente valorização. Portanto, a Prefeitura de Fortaleza está propondo indenizar todos que ali residem.

Cercadas por todos os lados pelos “vigilantes da moral e dos bons costumes”, as prostitutas são convocadas a entrar na modernidade através do processo de higienização e da segregação daquilo que é considerado puro e lícito, do que representa o seu contrário. ADLER reflete sobre a perseguição às “profissionais do sexo”, quando afirma que, dessa forma, não existe piedade para as mulheres que fazem do amor sua profissão. Nesse sentido, a autora diz qual é a preocupação central das autoridades:

A polícia é convocada para reprimi-las, e os moralistas querem aprisioná-las. O batalhão selvagememente livre de Madalenas descabeladas que percorrem as cidades em todas as direções é uma obsessão para esses grupos. Como erradicar esse mal tão difundido? (1991:42-43).

Mas o que parece ser a segregação, confinamento ou localização do meretrício, na verdade, é apenas mais uma forma de “proteção e preservação” da prostituição para aqueles que se beneficiam de todas essas torpezas e são protegidos das medidas administrativas que os poderiam atingir em caso de falha da lei (CARLIER apud ADLER, 1991:129). A autora detectou essa mudança ocorrida na atividade prostituinte, quando preconizou:

O bordel está morrendo. Que seja protegido em função da salvaguarda da ordem pública! A mensagem das autoridades é clara: a concentração do vício permite a transparência da fiscalização. Da disseminação das moças, nasce a desordem das paixões e das doenças. Em todas as

épocas, a polícia ajudou e protegeu toda localização da luxúria:

“A autoridade tolera a criação de um local de luxúria contanto que ela corresponda às necessidades demonstradas, isto é, que ocorra nas regiões invadidas pelas prostitutas insubmissas. É, para a polícia, um meio eficaz de localizar o mal, reservando-se a possibilidade de vigiá-lo e reprimi-lo e de atingir, assim, a prostituição clandestina” (1991: 127).

Dessa forma, propõe-se a criação de bordéis como meio de bloquear a epidemia de prostitutas não registradas. Diz ADLER, reportando-se às modificações que ocorreram no mundo da prostituição como forma de se adequar às novas exigências sociais, através da *revolução no mundo das “casas”*:

[...] *Assiste-se ao nascimento de uma nova categoria: a pensionista externa. [...] As casas vão insensivelmente se tornando casas de rendez-vous ou passam a oferecer quartos de aluguel. Durante o dia, operárias; à noite, prostitutas que foram aliciadas nos bulevares ou domésticas ansiosas por complementar o salário e que chegam ao local acompanhadas, para benefício das donas de bordel. [...] Para as classes populares, os cabarés, os barzinhos, os bailes. Para as classes burguesas, os restaurantes, as lojas de antiguidades, as casas de rendez-vous* (1991: 128-129).

CONCLUSÃO

Apesar de toda a campanha nos jornais exigindo a localização dos prostíbulos nos bairros periféricos da cidade, clamando aos poderes públicos providências nesse sentido, somente após os anos 30 é que será providenciada essa localização, pois Fortaleza enfrentará novas intervenções urbanizadoras.

Importa registrar, também, o fato de que a prostituição sobreviveu, mesmo enfrentando essa onda reformadora e a campanha contra o meretrício explícito nas ruas, desafiando a ordem “natural do sexo” entre homens e mulheres.

Outro dado interessante foi a preocupação de preservar um determinado tipo de prostituta que não

poderia expor-se nas ruas mas, que deveria permanecer “guardada e protegida entre quatro paredes” para atender a uma clientela que necessitava se resguardar da campanha organizada pelas “famílias de bem”, da então emergente burguesia cearense. Estas famílias, no entanto, não sabiam que os clientes-freqüentadores eram seus próprios parentes (pais, irmãos, sobrinhos, amigos), enfim, os homens “de bem” da Fortaleza que ensaiava passos gigantescos na modernização da capital.

Em síntese, se a prostituição persiste evidenciando a importância da existência do “mal necessário”, adaptando-se aos novos contextos sociais, posso supor, então, que ela exerce uma função de extrema relevância social (SOUSA, 1997).

BIBLIOGRAFIA

- ADLER, Laure. *A vida cotidiana: os bordéis franceses -1830/1930*. Trad. Kátia Maria Orberg e Eliane Fitippaldi Pereira. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1991. 217p.
- ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício*. Fortaleza: Edições UFC, 1983. 145p.
- CASTRO, Ricardo Vieira Alves. Representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1993. 311p.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Trad. Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987. 280p.
- JACQUARD, Roland. *L'exil intérim*. Paris: PUF, 1978. (Col. Points)
- LINS, Daniel Soares. *Programa para o Concurso de Professor Adjunto em Sociologia na UFC*. Digitado, 1994.
- _____. Século XIX: a paixão das utopias. *Revista de Ciências Sociais*, 1 a 20, 1997.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fund. Demócrito Rocha/Multigraf, 1993. v. 5. 208p.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 1991. 322p.
- SOUSA, Francisca Ilmar de. *O cliente: o outro lado da prostituição*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFC, 1997. 187 p.

JORNALIS

- GAZETA DE NOTÍCIAS, Ano I, nº 38, 03/09/1927.
GAZETA DE NOTÍCIAS, Ano II, 16/03/1928.
GAZETA DE NOTÍCIAS, Ano III, 30/01/1929.
O CEARÁ, Anno VIII, 03/11/1911.